MAIS POPULARES DO QUE O ANTICRISTO

Josiel Vieira

Ninguém sabe de onde vieram. Especulações sobre isso é o que não faltam, e, nesses casos, sempre contribuem para que a coisa saia ainda mais do controle. Já são esperadas as tradicionais dissertações de doutorado sobre o incidente; talvez vãs tentativas de tentar tornar tudo mais racional ou lançar as esperadas luzes da razão sobre o desconhecido, não importando que qualquer luz, ao clarear um lado de um fenômeno, sempre lançam sombras sobre o outro lado. E mesmo o lado iluminado pela razão ficou mutável como a face visível da lua. E o que dizer então do “The Dark Side of The Moon”?

A citação musical acima não é à toa; embora essa história não seja sobre o Pink Floyd, é sobre uma banda de rock de quem ninguém nunca antes ouviu falar. E que atingiu a indústria fonográfica internacional como uma bomba de nêutrons.

Como disse antes, ninguém sabe de onde vieram. Mas o certo é que começaram a tocar numa noite em que parecia que nada mais havia para ser ouvido. Algumas lamentáveis criaturas noctívagas desiludidas da vida resolveram entrar naquele boteco que, por algum motivo extraordinário, ninguém antes havia se importado de conhecer. E foi ali, no meio das mesas de madeira vagabunda que recendiam a ranço de cerveja derramada em eras imemoriais, que eles foram os primeiros a ouvirem A Banda.

A iluminação do palco era ridícula. As caixas de som estavam estouradas e havia enorme microfonia. A Banda também não tinha nada

demais. Um cara na bateria, outro nos teclados, outro no contrabaixo, outro na guitarra e o vocalista, que de vez em quando tocava alguma coisa também. Rostos anônimos, que nada tinham de especial, assim como a banda que integravam; parecia ser mais uma das milhões que surgem todos os anos nas periferias do mundo; todas elas ansiosas por revolucionar o mundo e ganhar dinheiro ao mesmo tempo.

No entanto...

O cigarro de um cara que estava nas mesas caiu de sua boca aberta. Outro ficou com o caneco de cerveja suspenso no ar, com os olhos esbugalhados. O casal de namorados parou de se beijar. Todos olhavam incrédulos para o palco, e estavam com os ouvidos mais incrédulos ainda.

Cara, como um som desses nunca antes fora feito? E o que todos pensavam. Alguém tirou um gravador do bolso e apertou “rec”, com a mesma reverência de como estivesse gravando os sons enviados de uma galáxia distante por uma raça de alienígenas superiores.

Na platéia, silêncio atônito. Após o último acorde, e antes que o povo invadisse o palco, A Banda sumiu.

— Por Deus, quem são esses caras? – perguntou um dos espectadores, o que havia tirado o gravador e que por coincidência trabalhava numa gravadora multinacional. Seu papel era o de percorrer lugares como aquele em busca de alguma coisa nova.

Ele repetiu a pergunta várias vezes até perceber que o dono do bar era surdo. Então escreveu num papel sua pergunta. O Dono do bar, um careca gordão suado de braços cabeludos, sacudiu os ombros e escreveu de volta:

“Sei lá. Peguei eles porque tocam de graça. Não ponho muita fé nesses moleques; eles têm um jeito de quem não tem talento. E aí, o som, deles é bom?”

— Bom? Não ouço nada tão bom assim desde que ouvi pela primeira vez o Joy Division!!

— Não diga bobagens – alguém protestou – Nada a ver. Esses caras parecem os Rolling Stones.

— Quanta besteira! – gritou outro – é evidente que eles são uma mistura de Led Zeppelin com Cannibal Corpse, com uma pitada de Elvis Presley e Jimi Hendrix.

— Não diga merda! Se esses caras se parecem com algo, é claro que é com Bob Marley, misturado com Oasis, temperado com Emmerson Lakepalmer.

— Para mim tem algo de Nirvana neles, com Radiohead e Toy Dolls.

— Se bem que tem uma lado meio Sisters of Mercy misturado com Bob Dylan. Como isso é possível? Não, pra falar a verdade vejo também Vangelis e Sex Pistols... e algo do Black Sabbath... e...

— ...Little Richard, Siouxsie and the Banshees, Beach Boys, The Doors... e.. sei lá... todo o resto... eles conseguiram sintetizar mais de meio século de rock in roll. Aliás, mais de meio século de música de todas as áreas.

— Vocês estão loucos?? É claro que o que eles tocaram foi música clássica!! Eles são uma ponte entre Mozart e Stravisky.

— Vocês são um bando de drogados imbecis. O que eles tocaram não se parece com nada. Não se parece com nada!!!!!!!!! Eles tocaram o inédito!

O cara da gravadora parou de discutir. Seja lá o que tenha sido aquilo, o certo é que daria muuuuito dinheiro. Por isso pegou a sua Kawasaki de mil e cem cilindradas e voou até a gravadora. Trêmulo, expôs suas impressões

sobre A Banda. Tomou um gole d'água, engasgou, e disse que tinham que pegar esses caras antes que outra gravadora o fizesse.

Claro que o pessoal da gravadora ficou cético com relação a toda essa história. Exigiram uma prova. Ele tirou seu gravador e, como um apóstolo anunciando a salvação em Jesus Cristo, apertou o play.

E o que ouviram.

Foi apenas estática.

Balançaram a cabeça: cara, você anda trabalhando demais. O que ouviu foi fruto de sua imaginação. Não, não existe nada de novo para ser ouvido. Tudo já foi feito, e as bandas que surgem novas nada mais são que projetos de marketing criados pelas próprias gravadoras. Fábricas produzem carros, motos, televisões, sanduíches e bandas de rock. Hoje era essa a realidade. O genial no mundo do rock continha a essência mesma dos dinossauros: estava extinto, e fazia muito tempo.

Desesperado, o cara da gravadora disse que a estática provocada em seu aparelho gravador deve ter sido uma interferência magnética gerada pelo horrível sistema de som do bar; mas ele decidiu voltar no outro dia com equipamento profissional de gravação, e conseguiu persuadir alguns dos seus amigos influentes da gravadora a acompanhá-lo – ele havia feito uma oferta de mil pratas para quem estivesse disposto a ir com ele, e vendo esse seu desespero, o pessoal da gravadora resolveu dar um voto de confiança a ele.

No outro dia o bar já estava com dez vezes mais gente que na noite anterior. Mas as pessoas que foram não se arrependeram. Ouviram as melhoras músicas de suas vidas.

— Agora eu posso morrer em paz – alguém disse.

— Se Deus emitir sons, talvez chegue à metade da qualidade da música desses caras. Sim, talvez Deus consiga produzir algo assim, mas é improvável – disse um religioso que estava na platéia.

E como da outra vez, ao último acorde os caras sumiram.

— Quem são eles? Quem são eles? Eu preciso urgentemente comprar um disco deles, nem que eu precise dar o rim e parte do fígado para isso! – era esse o tipo do comentário aflito que saía da platéia. Os caras da gravadora, eles mesmos, queriam dar mais do que isso por um disco da Banda, e queriam urgentemente botar suas patas nessa mina de outro ainda sem dono.

— E aí, gravou?

— Gravei! Com mil trovões, gravei!!! Esse é mais moderno equipamento que existe no mundo.

— Já chequei com o dono do bar, o idiota é surdo e não tem nenhum contrato com esses caras. Na verdade ele nem sabe o nome deles. E, naturalmente, ele não sabe por que o seu bar está tão lotado...

— Vamos ficar mais ricos que um maldito Faraó!

A equipe da gravadora voltou para os estúdios, mais ansiosos para ouvir A Banda do que um moleque de treze anos para perder o cabaço.

E de novo, o que ouviram foi uma maldita estática.

— O que, em nome de todos os demônios, está acontecendo?

— Acho que o bar está em cima de alguma anomalia magnética. Ou talvez seja a radiação solar, em conjunto com o alinhamento terrestre, junto com a pressão atmosférica, as auroras boreais ou algo do tipo...

— Escutem. Escutem!! Estamos diante do acontecimento do século, ou do milênio. Vamos entrar em contato com o pessoal daquela rede de televisão “teen” que faz videoclipes de merda para adolescentes burros e desqualificados, da qual a nossa empresa é a principal acionista. Vamos conseguir equipamento de transmissão de vídeo ao vivo.

— Por quê? – alguém da gravadora perguntou.

— Como assim “por quê”? Quantas vezes na vida você tem a chance de ser o primeiro a transmitir ao vivo o acontecimento do século? Vamos fechar com patrocinadores; sim, eu sei que tudo isso é ilegal. Mas quanto descobrirem, a gente já vai estar limpando a bunda com ouro. Explico: depois da nossa transmissão, todo mundo vai ficar a fim de comprar qualquer coisa desses caras. QUALQUER COISA! E até lá nós já teremos fechado contrato com eles. Em um ou dois dias, teremos dinheiro suficiente para comprar todos aqueles países esquisitos que passam no National Geographic...

— Sim, seremos mais populares que o Anticristo!

— Oh, yeah, é assim que se fala.

E assim, com a urgência desesperada que empreendimentos assim denotam, foi feita de um dia pro outro várias chamadas sensacionalistas no canal televisivo em questão, e logo a curiosidade e o ócio levaram milhões de jovens em todo mundo a acompanharem, ao vivo, aquilo que foi definido como o maior evento da música de todos os tempos.

Através de um equipamento portátil de última geração, os técnicos começaram a gravar o show da Banda.

Milhões de bocas entreabertas de incredulidade acompanharam pela televisão o show daqueles caras num bar podre de alguma periferia desinteressante. Ao mesmo tempo, centenas de milhares de gravadores de

mp3 foram acionados; milhares de computadores domésticos tentavam também registrar o show, através de arquivos mpeg, .AVI ou similar.

E a frustração ia tomando conta do mundo inteiro quando as pessoas percebiam que seus equipamentos só estavam gravando estática. Como isso era possível?

E, depois do show, e antes que os agora milhares de freqüentadores do bar pudessem invadir o palco, A Banda sumiu. Como sempre.

A multidão no bar, encantada e frustada ao mesmo tempo, começou a quebrar tudo.

"Amanhã eles voltam" – o dono do bar, o gordão suado, garantiu sem se perturbar.

A audiência do canal de televisão seria simplesmente a maior da sua história. Os poucos patrocinadores que apostaram naquela transloucada aventura de bancar a coberturas em tempo real de um show amador de uma banda desconhecida num bar ignorado, estavam rindo à toa. Ninguém nunca mais teria uma oportunidade assim. Já os rapazes da indústria fonográfica choravam ao descobrir que os preciosíssimos equipamentos não conseguiram realizar uma única gravação, muito embora tenham transmitido o show ao vivo sem problemas.

— Vamos processar os fabricantes – alguém disse.

— Mas o equipamento está em perfeita ordem!... – outro replicou.

— Filhinho, como vamos ganhar dinheiro sem arquivos para imprimirmos em discos de áudio ou de vídeo? – outro alguém rosnou, com raiva — existem pelo menos dez mil pessoas do lado de fora da rede de televisão exigindo imediatamente alguma coisa que contenha material da Banda. O que dizemos

a eles? “Ok, amiguinhos aceitam comprar discos recheados de nada?” Eu nunca vi nada parecido com isso!

— O show foi transmitido para o mundo inteiro... com certeza alguém, em algum lugar, conseguiu gravar alguma coisa... então tomamos o arquivo dessa pessoa, e a processamos por realizar gravação ilegal.

— Isso. Pirataria é crime. Aonde vamos parar com essa onda de marginais que compartilham arquivos pela internet, passando por cima dos direitos autorais?

— Vocês estão se esquecendo de algo. Ainda não assinamos nada com aqueles caras.

— Ora, não se preocupe com isso. Você viu a cara de coitados daqueles pobres infelizes. Eles devem trabalhar de office-boy ou coisas do gênero. Faremos uma proposta tão tentadora para eles que vão estar lambendo nossos pés num piscar de olhos.

— E se eles não quiserem saber da gente?

— Isso é improvável.

— E se não for? Não é estranho que nunca tenhamos ouvido falar de caras tão talentosos assim? E se não assinarem com a gente, o que será de nós? Depois de ouvir esses caras, alguém em seu juízo perfeito compraria um cd das bandas de nossas gravadoras?

Houve então um silêncio avassalador.

— Eles não vão querer nada conosco. Já têm aquilo que nenhum dinheiro do mundo pode comprar.

— O que... o que p-podemos fazer?

....

Um dia depois, o telejornal anunciava:

INTERROMPEMOS NOSSA PROGRAMAÇÃO

PARA UMA NOTÍCIA URGENTE: UMA BOMBA DE GRANDE PODER DESTRUIU NA MANHÃ DE HOJE O BAR ONDE SE APRESENTAVA "A BANDA", CONSIDERADA PELOS CRÍTICOS A MAIOR REVELAÇÃO MUSICAL DE TODOS OS TEMPOS. POR SORTE, O BAR ESTAVA FECHADO AO PÚBLICO. SE ESTIVESSE CHEIO COMO NAS NOITES ANTERIORES, ESSA SERIA POSSIVELMENTE A MAIOR TRAGÉDIA DO PAÍS. ATÉ O MOMENTO, CINCO CORPOS NÃO-IDENTIFICADOS FORAM ENCONTRADOS.

....

Mas o noticiário de algum tempo depois trazia uma matéria igualmente surpreendente:

AS INDÚSTRIAS FONOGRÁFICAS ENFRENTAM HOJE A SUA PIOR CRISE DESDE QUE O MP3 COMEÇOU A SER COMPARTILHADO PELA INTERNET. CERCA DE NOVENTA E NOVE POR CENTO DE TODAS AS INDÚSTRIAS DA ÁREA FALIRAM, COMO RESULTADO DO MONSTRUOSO BOICOTE LEVADO A TERMO POR BILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO INTEIRO. DEPOIS DE VEREM UMA TRANSMISSÃO AO VIVO DA BANDA E OUVIREM O SEU SOM IMPOSSÍVEL DE SER CLASSIFICADO E DE SER REPRODUZIDO, AS PESSOAS DE DIFERENTES NAÇÕES E

CULTURAS SIMPLESMENTE NÃO ACEITAM MAIS COMPRAR DISCOS DAS BANDAS COMERCIAIS PERTENCENTES ÀS GRANDES GRAVADORAS. POR MOTIVO SIMILAR O COMPARTILHAMENTO DE MÚSICAS NA INTERNET ESTÁ EM FRANCO DECLÍNIO, POIS HÁ UMA ENORME PROCURA POR SHOWS AO VIVO EM LUGARES FORA DO CIRCUITO COMERCIAL. TODOS ESTÃO ANSIOSOS POR ENCONTRAR UMA NOVA “BANDA”, EM ALGUM LUGAR.

FIM

JOSIEL VIEIRA

09/01/2005

TEXTO DEDICADO À JULIANA ROSA